

FILOSOFIA HUMANISTA NOS GINÁSIOS VOCACIONAIS: UMA EXPERIÊNCIA NO PERÍODO DITATORIAL MILITAR BRASILEIRO

HUMANIST PHILOSOPHY IN VOCATIONAL GYMNASIUMS: AN EXPERIENCE DURING BRAZIL'S MILITARY DICTATORSHIP

Marcio Ercilo Gonçalves de Oliveira¹; Jacqueline de Cássia Pinheiro Lima²

RESUMO

Este artigo é parte da Dissertação intitulada “A “Democracia Perdida”: A Experiência dos Ginásios Vocacionais no período entre 1962-1969” e se propõe a discutir de modo crítico a questão da democracia no âmbito escolar, buscando uma experiência pedagógica que reuniu no ensino, experiências como o Humanismo e a formação do pensamento crítico junto aos alunos. O objeto de pesquisa foi a experiência dos Ginásios Vocacionais entre 1962 e 1969, durante a ditadura militar, o que se fez compreender como foi possível uma pedagogia democrática num período onde a democracia estava em recuo. Devido à natureza dessa questão, a pesquisa precisou levar em conta o poder transformador da realidade social que uma educação nesse modelo específico, além da relação entre o poder constituído e tal experiência educacional. A referência pensada para esta discussão baseou-se em Siloé Pereira Neves Pretto e na filosofia de Michel Foucault objetivando tecer uma compreensão sobre a relação entre democracia escolar, Humanismo, poder e sociedade. A metodologia utilizada foi a de pesquisa bibliográfica e documental, de modo a estabelecer a ideia de memória e sociedade como relação desenvolvida nos Ginásios Vocacionais. A partir desta pesquisa, podemos tirar algumas conclusões importantes. Em relação à pergunta central — como se deu a gestão democrática nos Ginásios Vocacionais — ficou claro que essa gestão foi amplamente participativa, envolvendo alunos, professores e pais de maneira efetiva, o que rendeu o conceito de escola humanista e, portanto de caráter provocador, incentivando o desenvolvimento do senso crítico dos estudantes. Desta feita, a educação humanista se revelou uma relação de poder entre os militares, que viam os Ginásios como uma ameaça à ordem estabelecida e à nítida ideia de que tais Ginásios estavam à frente de seu tempo, desafiando práticas e métodos pedagógicos e administrativos.

Palavras-chave: Humanismo; Ginásios Vocacionais; Ditadura Militar

ABSTRACT

This article is part of the dissertation entitled “Democracy Lost: The Experience of the Vocational Gymnasiums in the period between 1962-1969” and sets out to critically discuss the issue of democracy in the school sphere, looking for a pedagogical experience that brought together in teaching, experiences such as Humanism and the formation of critical thinking with the students. The object of the research

1 Mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá (UNESA). Graduado em Desenho Industrial pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

2 Pós-Doutora em História, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). Doutora em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), com Estágio Sanduiche no Instituto de Urbanismo de Paris - Paris XII. Mestre em História, pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio). Bacharel e Licenciada em História, pela UERJ. Docente do Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá (UNESA). <https://orcid.org/0000-0003-0153-8948>

was the experience of the Vocational Gymnasiums between 1962 and 1969, during the military dictatorship, which led to an understanding of how a democratic pedagogy was possible in a period when democracy was in retreat. Due to the nature of this question, the research had to take into account the transformative power of education in this specific model, as well as the relationship between the constituted power and this educational experience. The reference for this discussion was based on Siloé Pereira Neves Pretto and the philosophy of Michel Foucault, with the aim of developing an understanding of the relationship between school democracy, humanism, power and society. The methodology used was bibliographical and documentary research, in order to establish the idea of memory and society as a relationship developed in the Vocational Gymnasiums. From this research, we can draw some important conclusions. In relation to the central question - how did democratic management take place in the Vocational Gymnasiums - it became clear that this management was largely participatory, involving students, teachers and parents in an effective way, which yielded the concept of a humanist school and, therefore, of a provocative nature, encouraging the development of students' critical sense. In this way, humanist education proved to be a power relationship between the military, who saw the Gymnasiums as a threat to the established order and the clear idea that these Gymnasiums were ahead of their time, challenging pedagogical and administrative practices and methods.

Keywords: Humanism; Vocational Gymnasiums; Military Dictatorship

NOTAS INTRODUTÓRIAS

A Humanidade ao longo do tempo buscou perpassar seus conhecimentos através das gerações ao mesmo tempo que procurava organizar os assuntos e técnicas acerca do conhecimento adquirido – algo conhecido como Educação. Definir este amplo campo de atividade intelectual humana (aqui visto de um modo geral) envolve dois tipos de definições: as normativas e as descritivas. A primeira refere-se ao processo educacional, ao passo que a segunda objetiva os fins a serem atingidos.

Como processo, a educação pode ser encarada sob dois pontos de vista: o da sociedade e o do indivíduo. A sociedade procura perpetuar-se estendendo-se pelas suas aquisições culturais às gerações posteriores. Temos a partir daí um processo, social, na sociedade, e igualmente um fim, na transmissão dos conhecimentos. É aqui que as políticas públicas para a Educação se manifestam.

Como processo individual, a educação procura estimular o crescimento e o desenvolvimento do indivíduo. Mas o que é mais importante no final das contas é que estes dois aspectos (social e individual) não se opõem, mas se complementam: não se compreende o desenvolvimento individual (ao menos no seu início) exceto a partir do momento em que o indivíduo entra na posse da herança social, assim como não se admite transmissão social sem transformações individuais. Tanto do ponto de vista da sociedade como do indivíduo, educação é estímulo de transformações. Os acontecimentos políticos e históricos dessa sociedade certamente possuem uma grande importância no mecanismo anteriormente descrito, determinando a forma e o alcance que a educação terá nos indivíduos. De todos esses acontecimentos políticos, os que envolvem a democracia são os que mais afetam a educação numa determinada época e lugar, podendo inclusive gerar novas formas de educar em ambientes democraticamente comprometidos, resultando em determinadas políticas públicas para cada governo.

O objetivo deste artigo é, deste modo, mostrar a experiência dos Ginásios Vocacionais entre 1962 e 1969, período da ditadura militar, como uma pedagogia democrática, identificando as relações de poder e observando a realidade social da educação, que se colocava contrária, assim como outras esferas, à questão democrática no período. A metodologia utilizada no trabalho foi uma análise bibliográfica documental, compreendendo como foi a relação entre Educação Humanista, pensamento crítico e gestão democrática nos Ginásios Vocacionais; analisar as políticas públicas implementadas pelos Ginásios Vocacionais para uma educação transformadora; entender como o movimento dos Ginásios Vocacionais, necessariamente de caráter humanista, pôde transformar a realidade social da comunidade em que estavam inseridos, num período de Ditadura Civil Militar brasileira.

A proposta de uma escola subversiva, em pleno período ditatorial, apresenta uma argumentação de que havia na educação uma possibilidade de se repensar o mundo que estava sendo abafado em todas as suas perspectivas democráticas. Entendendo como subversão aqui, um ato contra a ordem social vigente.

A ideia de subversão se dá, porque os Ginásios Vocacionais não só existiram, mas persistiram durante a Ditadura Militar com a proposta de uma educação democrática, brigando com a vertente centralizadora do Estado nestes anos. As escolas foram assim encerradas por esta ideia de subversão:

Foram oito anos de fervilhante existência: de 1962 a 1969. Pressões internas e externas, no sentido de se extinguir o Ensino Vocacional da rede pública, começam a surgir, principalmente, a partir de 1968, uma vez que os ginásios eram vistos como uma ameaça ao regime vigente. A ditadura militar, com receio de sua repercussão, dos propósitos da escola e de sua expansão, em 1969, violentamente os extinguiu. Em 12 de dezembro, após uma denúncia ao 5º. GECAM de Campinas acontece, simultaneamente uma violenta intervenção militar em todas as unidades do Vocacional, com queima de arquivos, materiais, e fichamento de professores e coordenadores, inclusive de Maria Nilde Mascellani que foi, mais tarde, presa e torturada. (NAKAMURA, 2016 p. 4).

O panorama atual da educação no Brasil apresenta políticas educacionais que nem sempre atuam de modo totalmente democrático. A população fica quase totalmente à parte dos debates políticos acerca da educação, e em seu lugar entram grupos privados que reivindicam participação maior na implementação de suas escolas, sendo isto resultado do fato de que o Estado brasileiro desde os anos 1990 vem adotando o modelo gerencialista de Estado, com o alegado objetivo de modernizar e agilizar a administração pública, nos moldes da iniciativa privada; isto se aplicou não somente na economia, mas também em educação (GIROTTTO, 2013). Nas palavras de Eduardo Donizeti Girotto

De outro lado, a crescente despolitização que ocorre não apenas no Brasil, mas se configura como fenômeno mundial e tem relação direta com o processo de reprodução ampliada do modo de produção capitalista, se apresenta na prática como encolhimento do espaço público a partir da implantação da chamada concepção neoliberal do Estado (GIROTTTO, 2013 p. 26 apud HARVEY, 2008). Tal concepção, nascida como tentativa de solução para a crise mundial de acumulação capitalista da década de 1970, atingiu o Brasil e a América Latina a partir da década de 1990 com a execução das propostas definidas exogenamente no Consenso de Washington, de 1989. No caso do Brasil, esse processo aprofundou ainda mais as contradições sociais existentes no sentido em que contribuiu para desmontar uma esfera pública que, em certa medida, havia surgido há muito pouco ou que de fato nunca existiu, como apontou Sérgio Buarque de Holanda. (GIROTTTO, 2013 p. 26).

Investigando a educação face à democracia, vemos o quanto esta última vem se afastando cada vez mais da própria educação ao depararmos com propostas surgidas na História recente como “aumentar o quantitativo de escolas militares” ou então tornar as “escolas sem partido”, propostas estas que colocam em xeque todo tipo de democracia conquistado ou a ser conquistado na educação brasileira. Estas políticas e formas como o Estado brasileiro lida com a educação mostram desde há muito a enorme dificuldade em implementar uma educação democrática com a participação direta da população, sendo um dos aspectos cruciais dessa democratização o desenvolvimento do pensamento crítico dos discentes (FREIRE, 1983).

Pode-se verificar que a proposta de um ensino de qualidade, voltado para a formação cultural e científica que possibilite a ampliação da participação efetiva do povo nas várias instâncias de decisão da sociedade, defronta-se com problemas de fora e de dentro da escola. As forças sociais que detêm o poder econômico e político na sociedade, representadas pelos que governam e legislam, ao mesmo tempo que se mostram omissas e negligentes em relação à escola pública, difundem uma concepção de escola como ajustamento à ordem social estabelecida. (LIBÂNEO, 1991)

A fim de propor essa discussão o texto traz além das Considerações Finais, duas seções: uma intitulada “A História dos Ginásios Vocacionais”, que faz buscar na História da Educação no Brasil algum modelo que não seguisse essa lógica, e entre tantos modelos de escolas e gestão escolar, encontramos uma experiência interessante do ponto de vista investigativo – experiência esta pouco conhecida fora dos meios acadêmicos - o que apresentou, sendo importante se deter mais sobre a gestão democrática nas escolas. Depois, “A Experiência Humanitária e Vocacional dos Ginásios”, Trazendo a possibilidade de pensar e analisar os assim chamados Ginásios Vocacionais, um projeto de escola democrática surgido em São Paulo nos anos 1960, de nível ginásial e com uma proposta pedagógica inovadora e calcada em valores universais do homem, dando-lhe, portanto, um caráter humanista.

A HISTÓRIA DOS GINÁSIOS VOCACIONAIS

O período dos Ginásios Vocacionais, compreendido entre 1949 e 1961, quando da visita de professores brasileiros às *Classes Nouvelles* da França para conhecerem a pedagogia inovadora destas escolas e também da gestação e promulgação da lei 4.024/1961 (Lei das Diretrizes e Bases da Educação).

Entretanto, uma outra contribuição para a formação e idealização dos Ginásios Vocacionais proveio da Inglaterra, a das chamadas “Escolas Compreensivas”. (NAKAMURA, 2016)

As escolas compreensivas da Inglaterra dos anos 1950 tinham um currículo de formação geral na educação básica, abrangendo as disciplinas tradicionais, mas também acrescido de disciplinas voltadas aos diferentes setores da economia: artes industriais, práticas comerciais e agrícolas, economia doméstica, entre outros. Este modelo de escola buscava ampliar as experiências escolares para os alunos, indo além da mera formação acadêmica, apresentando disciplinas de conotação prática. O processo de seleção para ingresso nestas escolas foi abolido, objetivando tornar a escola mais abrangente e democrática; com isso, removeu também um regulador fundamental da organização e das exigências curriculares da escola primária. Abriu-se, assim, novos horizontes para uma recontextualização pedagógica (BERNSTEIN, 2003).

Este modelo de escola chamou a atenção do então secretário de educação do estado de São Paulo, Luciano de Vasconcelos de Carvalho, que foi até a Europa ver de perto esta experiência. Sua equipe se interessou pelo que viu e decidiram trazer e replicar os métodos pedagógicos das Escolas Compreensivas para o Brasil (ROVAI, 2005).

Aproveitando a reestruturação da lei estadual do Ensino Industrial, derivada da adaptação à reforma no âmbito federal (Lei 3.552/59), criou-se uma comissão com o intuito de trazer mudanças significativas no processo pedagógico. Esta comissão foi composta por pessoas de vários setores do ensino e, depois de muitos questionamentos, análises, debates e estudos durante a tramitação do projeto chegou-se finalmente à nova Lei do Ensino Industrial – a Lei 6.052/61 que cria os ginásios vocacionais. Estes ginásios foram implementados e geridos pelo Serviço de Ensino Vocacional, órgão ligado à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, mediante o Decreto nº 38.643/61 que a regulamenta (ROVAI, 2005). Toda esta mudança tinha uma perspectiva macro, um grande objetivo na política nacional, que era criar um sistema ginásial alternativo e voltado para o mercado de trabalho que naquele período atravessava um momento de expansão causado pela industrialização do país.

Nesse período, a segunda metade dos anos 1950, o Instituto de Educação de Socorro (São Paulo) possuía as chamadas classes experimentais que foram inspiradas na École de Sévres, como já mencionado anteriormente. A professora de Educação e orientadora pedagógica Maria Nilde Mascellani tinha por interesse a renovação educacional, muito embora estivesse ciente de que somente mudanças metodológicas não seriam suficientes para a formação do cidadão brasileiro capaz de se auto realizar e inserido na sociedade, contribuindo para o desenvolvimento do país. Tinha de ser um projeto educacional adequado à realidade, voltado para a educação. Nas palavras de Ângela Tamberlini (1998) “O ensino renovado (...) pode ser definido, então, como um ensino de cunho transformador, que visa formar o educando integralmente, desenvolvendo-lhe tanto as aptidões teóricas, quanto as práticas, capacitando-o a atuar na sociedade em que vive.” As classes experimentais de Socorro foram o ponto de partida para os Ginásios Vocacionais.

A professora Maria Nilde Mascellani estava interessada nos valores humanos e sociais, além da formação do cidadão; tendo por alicerces conceitos filosóficos em sua proposta educacional, criou-se um diferencial em relação às classes experimentais. Surge a ideia de currículo integrado e de ensino conceitual nas classes experimentais de Socorro, algo inédito nas demais classes experimentais: a definição clara de objetivos, o desenho de um currículo que incorpora as grandes noções da cultura geral, as práticas de reconhecimento da realidade local no seu cotidiano, a seleção de conteúdos com destaque de conceitos - considerados elementos mediadores de todo o currículo -, o trabalho em grupos, o estudo dirigido, o estudo do meio, as práticas de avaliação (MASCELLANI, 2010).

A estrutura que viabilizou os Ginásios Vocacionais era composta de uma coordenadoria, uma equipe de assessores administrativos e pedagógicos, uma equipe de pesquisa com sociólogos e psicopedagogos, um setor de cursos e estágios, destinado à capacitação pedagógica, um setor de despesa, outro de prédios e equipamentos e ainda um setor de pessoal, outro de relações públicas e outro de audiovisual e documentação, tendo também uma biblioteca. Tal estrutura nada mais era do que o SEV – Serviço de Ensino Vocacional. Assim, foi possível a implementação de seis escolas no estado de São Paulo, sendo uma na capital e cinco no interior: “Oswaldo Aranha” (Brooklin, São Paulo – capital / 1962), “João XXIII” (Americana / 1962), “Cândido Portinari” (Batatais / 1962), “Chanceler Raul Fernandes” (Rio Claro, 1963), “Embaixador Macedo Soares” (Barretos, 1963) e Ginásio Vocacional de Vila Santa Maria (Vila Santa Maria, 1968).

Ainda segundo Tamberlini essas escolas foram precedidas por uma extensa pesquisa na fase de projeto, tendo a escolha das cidades onde seriam inseridas sendo influenciada pela característica do lugar: São Paulo, cosmopolita; Americana, industrial; Batatais, região agrícola, etc. A pesquisa abrangeu também a economia do local, cultura do lugar, entrevista com os pais buscando conhecer suas expectativas em relação à escola, interesses da população, enfim, buscando conhecer como um todo a comunidade onde seria inserida. De posse de todos esses dados o projeto seguiu em frente, e a partir de 1962 as escolas começaram a sair do papel e tornarem-se realidade. Tinha começado a fazer democracia escolar já na fase de projeto, ouvindo e registrando as aspirações da população local.

A EXPERIÊNCIA HUMANITÁRIA E VOCACIONAL DOS GINÁSIOS

Os Ginásios Vocacionais tiveram uma educação projetada para ser dinâmica, tendo nos conceitos e modos de agir a característica fundamental de serem mutáveis porque partiriam do homem concreto em seu contexto social. A cultura seria mediadora do processo educativo porque essa era a filosofia empregada: de cunho antropológico, visava o aluno real, objetivando sua formação integral (para isso era realizada uma pesquisa na comunidade durante a elaboração do currículo escolar). O trabalho era muito valorizado, visto como de suma importância na dimensão da formação humana: não mais separar o pensar e o fazer, mas sim integrá-los (ROVAI, 2005)

A arte e a literatura faziam parte do currículo como forma de expressão humanizadora, fornecendo um entendimento das coisas práticas, do mundo construído (ROVAI, 2005). O ensino vocacional atingiu e adotou uma filosofia humanista em sua estrutura pedagógica, espalhando-se em todas as atividades comunitárias e dentro da sala de aula.

O significado do Humanismo pode ser encontrado em duas formas: a histórica e a filosófica. Na histórica encontramos as realizações artísticas e culturais no Humanismo renascentista dos séculos XV e XVI e também no neo-humanismo do século XIX. Já a filosófica é atemporal e informadora de pensamento, visão de mundo e idealizações centradas no ser humano. Literatos, artistas e pensadores tinham em mente o paradigma de que o homem e tudo ligado a ele está consubstanciado na antiga Roma e na herança helênica.

Na perspectiva do Humanismo como cosmovisão há vários tipos de Humanismo: um laico e outro religioso; um literário-artístico e outro científico; um realista e outro idealista; um marxista; um positivista; um iluminista; um existencialista, etc. Mas este amplo espectro pode ser reduzido a basicamente duas dimensões do fenômeno humano: o humanismo existencialista do tipo cristão que norteia a conduta humana em direção ao além, a uma vida pós-morte; e outro humanismo materialista que não admite a existência do sobrenatural. Jacques Maritain buscou superar essa dicotomia com seu Humanismo Integral ao apresentar o fato de que o ser humano sempre se preocupou com a vida pós-morte e

a transcendência, apesar das questões diárias do aqui e agora. Portanto, as questões de transcendência e do *post-mortem* também fazem parte do Humanismo.

Os avanços da ciência a partir do século XVIII (experimental e empírica) trouxe uma significativa mudança no sentido do Humanismo. A pedagogia mudou para o aspecto mais “realista”, mais pragmático, com ênfase na aplicação dos resultados. Também surge nesse momento um dualismo entre o utilitarismo (valores que acrescem o saber, o poder e o bem-estar no mundo concreto) e as humanidades clássicas que buscam respostas para questões como esperança, liberdade, amor – ou seja, o sentido da vida humana.

No início do século XIX o pedagogo bávaro F. J. Niethamer cunhou o termo “Humanismo” para denominar os estudos clássicos greco-latinos e suas implicações na cultura assim como na ciência aplicada e tecnologia. O humanista não pode ignorar os progressos da técnica e da ciência, assim como o cientista não pode pôr de lado a dimensão interior, afetiva e volitiva do ser humano. Ambos objetivam investigar o humano do homem, a fim de que o homem seja cada vez mais humano. Por fim, observando os estágios finais, notamos que o que importa é o bem geral, tanto das pessoas singulares quanto dos povos (MENDES, 1995).

Podemos, então, compreender a Educação Humanista como um conjunto de diversas teorias e práticas engajadas na visão de mundo e código de ética do Humanismo, ou melhor, a ideia de aprimoramento do desenvolvimento, bem-estar e dignidade como objetivo último de todo pensamento e ação humanas – acima dos ideais e valores religiosos, ideológicos ou nacionais. Nesse contexto, o professor exerce uma grande influência na vida de seus alunos, podendo até mesmo contribuir enormemente para o amadurecimento emocional deles, assim como desenvolvimento pessoal também, além de fazer com que descubram suas aptidões, capacidades e interesses que os levam a própria realização como indivíduos geradores também de crescimento social (PRETTO, 1978).

O objetivo ulterior dessa educação humanista seria a obtenção de uma sociedade industrial humanizada: a mudança da vida social, econômica e cultural da sociedade de maneira tal que estimule a vivência e o crescimento do homem, ao invés de incapacitá-lo, que desperte e avive o indivíduo, em vez de torná-lo passivo e receptivo, que a tecnologia sirva para o crescimento do homem. Somente com o controle do sistema econômico e social é que a vontade do homem orientada pela razão e pelo desejo de vivência ótima seria capaz de tomar as decisões com esse cunho humanista. Importante também que o homem, e não a técnica, deve ser a fonte básica de valores; o desenvolvimento humano ótimo (sem competição, sem desperdícios, com sentimento de cooperação e empatia) e não a produção máxima deve ser critério de todo planejamento; o conhecimento do homem, sua natureza e as possibilidades reais das suas manifestações devem tornar-se um dos dados básicos para qualquer planejamento social (FROMM, 1980). Uma educação orientada sob esta forma seria potencialmente capaz de mudar o mundo.

Nos Ginásios Vocacionais, o termo “vocacional” tem a conotação de ser o homem que personaliza suas ações, através de um processo permanente de opções. Vem de uma influência marcante do Humanismo Integral de Emanuel Mounier (2004). Tamberlini, (1998) na obra *Ensino Vocacional - uma pedagogia atual*, aborda que a proposta pedagógica desses ginásios trazia uma formação humanista fundada nas ideias centrais de pessoa e comunidade, ideias estas oriundas do pensador Emmanuel Mounier, já citado. Este pensador é crítico do idealismo, por considerá-lo abstrato e negligenciador da temporalidade e enraizamento do homem.

O autor defendia a visão marxista da História, a qual acuradamente analisou a situação do homem no mundo, percebendo a alienação do homem em relação ao seu trabalho dentro do sistema capitalista. Mounier reivindicava estruturas coletivas, comunitárias, por o homem ser histórico (isto é, realizar trocas com o mundo), negando, por sua vez, o individualismo (um dos traços marcantes da cultura

capitalista). O homem ultrapassa-se a si mesmo. Por ter nascido numa família de forte tradição cristã, em 1905, Mounier propôs que para além da servidão material, em Marx, havia também a “servidão espiritual”: a pessoa para ser pessoa precisava “engaja-se”, tomar atitude. O indivíduo é apegado às singularidades, ao egocentrismo, ao passo que a pessoa significa escolha, conquista de si; o espírito cristão se caracteriza pela disponibilidade (ajudar o próximo, por exemplo).

Assim sendo, o Humanismo foi uma das características dos Ginásios Vocacionais e mostrou-se como uma saída, ao mesmo tempo que uma experiência real, que deu certo até a implementação do regime ditatorial e um período durante o mesmo. Por isso, buscamos analisar e compreender os Ginásios Vocacionais como forma de expressão do que deu certo e ainda foi além, já que foi uma experiência particular de uma gestão democrática em plena Ditadura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou tratar da atuação dos Ginásios Vocacionais como lugar de memória e resistência durante anos em que se objetivou a perda da democracia no país. Eram anos marcados por perseguições pois no período da Ditadura Militar, a educação passou a ser vista como instrumento de moral, seja dos indivíduos, seja da sociedade, assim como passou a ser regida de forma repressora, desde a sua concepção, até pelas disciplinas oferecidas que mexiam com a ideia de moral, corpo, civismo. Com forte apoio da Igreja e compreendendo-se democrática, a intenção era a perseguição a tudo que se modificava em relação ao que o Governo entendia como certo.

Os Ginásios Vocacionais trouxeram em sua história a perspectiva da filosofia humanista e a figura de Emmanuel Mounier, que a inspirou, exige uma compreensão profunda de suas origens e influências, a fim de entendermos as motivações que geraram sua inspiração. Essas raízes foram fundamentais tanto para a configuração do projeto educacional dos Ginásios quanto para a condução dos profissionais envolvidos. De uma escola promissora, de alto valor social — reconhecida pela seleção rigorosa de alunos, dada a sua grande demanda —, os Ginásios passaram a ser considerados “subversivos”. Ao refletirmos sobre o conceito de subversão atribuído a esses Ginásios, encontramos duas interpretações: a primeira, pejorativa, dada pelos militares, que os viam como uma ameaça à ordem estabelecida; e a segunda, mais positiva, que os reconhecia como escolas à frente de seu tempo, desafiando métodos pedagógicos e de gestão ultrapassados.

Assim, as memórias sobre os Ginásios dão conta de sua história, visto que se manifestaram de várias formas, mas sempre conduzidas por seus valores. A começar, pela gestão democrática que predominava a ideia de participação envolvendo alunos, professores e pais de maneira ativa, num período histórico que não pensava assim. Também, o valor humanista a tornava provocativa, despertando o senso crítico dos estudantes, outra questão não comprometida com a época. E neste contexto, o fechamento dos Ginásios Vocacionais, em dezembro de 1969, não só marcou o fim de uma experiência educacional única, mas também o término da democracia escolar que eles representavam.

REFERÊNCIAS

- BERNSTEIN, Basil. A pedagogização do conhecimento: estudos sobre recontextualização. *Cadernos de Pesquisa*, n. 120, pp 75-110, novembro/ 2003. Fundação Seade.. <https://bibliotecadigital.seade.gov.br/view/linkPdf.php?pdf=10018142-1.pdf> Acesso em 16/11/2023.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática para a liberdade**. 14a Edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FROMM, Erich. **A revolução da esperança**. Círculo do livro, 1980.
- GIROTTI, Eduardo Donizeti. Escola pública e democracia no Brasil: alguns apontamentos. *Publicatio UEPG, Ciências Humanas, Linguística e Artes*, ano 21, n. 1, p. 19-31, 2013.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Cortes Editora, 1991.
- MASCELLANI, Maria Nilde. **Uma pedagogia para o trabalhador: o ensino vocacional como base para uma proposta pedagógica de capacitação profissional de trabalhadores desempregados**. São Paulo: IIEP, 2010.
- MENDES, João Pedro. Considerações sobre Humanismo. **HVMANITAS**, Brasília, Vol. XLVII. p. 791-797p, 1995.
- MOUNIER, Emmanuel. **O Personalismo**. Trad. Vinícius Eduardo Alves. São Paulo: Centauro, 2004.
- NAKAMURA, Maria Eliza Furquim Pereira. **História oral, práticas educacionais e interdisciplinaridade**. XIII Encontro Nacional de História Oral. Rio Grande do Sul, 2016.
- PRETTO, Siloé Pereira Neves. **Educação humanista: características de professores e seus efeitos sobre alunos**. Cortez & Moraes, 1978.
- ROVAI, Esméria (org.); TAMBERLINI, Angela Rabello Maciel de Barros; KAWASHITA, Nobuko; SILVA, Moacyr da; BALZAN, Newton César; BIANCHARELLI, Aureliano; SIMON, Paulo Ricardo. **Ensino Vocacional: uma pedagogia atual**. Cortez Editora, 2005.
- TAMBERLINI, Angela Rabello Maciel de Barros; ARELARO, Lisete Regina Gomes. **Os ginásios vocacionais: a dimensão política de um projeto pedagógico transformador**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- VOCACIONAL uma aventura humana. Direção de Toni Venturi. Produção: Olhar Imaginário. Brasil, 2011. Disponível em https://youtu.be/dyHJD13_0D8. Acesso em 18 de julho de 2023.